**O QUE É AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E QUAL A SUA IMPORTÂNCIA?**

A preocupação com a avaliação escolar é antiga, e buscar as suas origens é voltar no tempo e resgatar as mudanças ocorridas na história da avaliação. Portanto, ao se trabalhar o aspecto histórico da avaliação e a sua conceituação teórica, indiretamente, estará tocando na história da própria educação. A avaliação sempre esteve presente na humanidade. Embora não possa determinar uma época precisa de seu aparecimento, sua presença, caracterizada de modo informal, se faz sentir desde que Deus criou o mundo.

Através dos tempos, a avaliação foi se configurando e é possível detectar algumas atividades avaliativas há alguns milênios, sobre o emprego de exames pelos professores, na Grécia e Roma antiga.

De acordo com DEPRESBÍTERIS (1989, p. 6),

os estudos da avaliação se referiam à construção, ao uso e a correção de testes objetivos e dissertativos, e à busca de diferenças entre esses dois tipos de testes, com a função de medir, avaliar, predizer e classificar.

Desse modo, pode-se definir a avaliação como um processo contínuo que acontece diariamente, enfocando o melhor desempenho dos alunos e mostrando em que o professor deve melhorar continuar com a mesma metodologia de trabalho ou precisa repensar suas formas de educar, refletindo sobre o ensino vigente e analisando as possíveis alterações.

MENEGOLLA (1994) enfatiza que é também de suma importância que os alunos saibam suas responsabilidades mediante a avaliação e se conscientizem de que a avaliação não é apenas a atribuição de uma nota com o fim último de aprovação para uma série seguinte. O autor menciona ainda que toda avaliação para o estudante é um processo de busca de si mesmo, para depois se manifestar diante dos outros. Para ele, a avaliação quando bem entendida para os alunos e professores torna-se um momento educativo de profunda e real aprendizagem pessoal. O autor ainda relata que avaliar significa educar, libertar de uma forma dinâmica, despertando o senso crítico das pessoas diante da sua realidade existencial.

Nesse sentido, consideramos que a educação e a avaliação são momentos integradores e unificadores que se identificam no seu modo de agir. Por isso a avaliação não deve ser apresentada para o aluno como imposição, cobrança, prestação de contas ao até mesmo repulsa de uma pessoa para outra, mas sim como parte de um processo de construção do conhecimento. Que de acordo com MORETTO (1980, p. 15), “o papel fundamental da escola emerge em ajudar a preparar gerentes da informação e não meros acumuladores de dados. E a sociedade então espera que a escola ensine a aprender a aprender”.

 Para NÉRICI (1988), a avaliação da aprendizagem deve ser preocupação constante do professor durante o transcurso de todas as atividades, porque é através dela que poderá inteirar-se da marcha positiva ou negativa de seu trabalho docente, a fim de poder tomar providências, quando for o caso, antes de levar seus alunos ao fracasso. Avaliar a aprendizagem consiste em ajuizar o que o aluno aprendeu após uma fase de ensino, podendo esta ser subjetiva ou objetiva quando a avaliação não está diretamente ligada à apreciação subjetiva, uma vez que a produção do aluno tende a atender a questões delimitadas e que admitem uma só solução.

 Como observa PILETTI: (1986, p. 190-199).

 a avaliação é um processo contínuo de pesquisa que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes, comportamento, propostas dos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo. (1986, p. 190-199).

Nesse sentido a avaliação se desenvolve, nos diferentes momentos do processo ensino e aprendizagem, com objetivos distintos. No início do processo tem a avaliação diagnóstica que é utilizada para verificar os conhecimentos que os alunos possuem; pré-requisitos que os alunos apresentam e particularidades dos alunos. Aplica-se este tipo de avaliação no início de uma unidade semestre ou ano letivo e ao longo do processo de ensino-aprendizagem temos a avaliação formativa que tem uma função controladora com o propósito de informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem e localizar as deficiências na organização do ensino. E no fim do processo ensino-aprendizagem temos a avaliação somativa que tem uma função classificatória, isto é, classifica os alunos no fim de um semestre, ano, curso ou unidade, segundo o nível de aproveitamento de cada um.

Para que a avaliação adquira a importância que realmente tem no processo ensino e aprendizagem é necessário seguir alguns princípios básicos: estabelecer com clareza o que vai ser avaliado, selecionar técnicas, ter consciência que a avaliação é meio para alcançar um fim e que a tarefa de avaliação deve começar no primeiro dia de aula.

**ALGUMAS DAS TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO MAIS UTILIZADAS**

Segundo PILETTI (1986, p. 190-199), existem várias técnicas e vários instrumentos de avaliação. Para a avaliação diagnóstica podemos utilizar o pré-teste, o teste diagnóstico, a ficha de observação ou qualquer outro instrumento elaborado pelo professor. Para a avaliação formativa temo as observações, os exercícios, os questionários, as pesquisas, etc, e finalmente, para a avaliação somativa, os dois tipos de instrumentos mais utilizados são as provas objetivas e as provas subjetivas.

Porém, ao escolher uma técnica ou instrumento de avaliação deve-se ter presente, o tipo de habilidade que se deseja verificar no aluno. LIBÂNEO (1988) aborda que a avaliação é uma tarefa necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer dos trabalhos conjunto do professor como dos alunos sendo também uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas.

Para LUCKESI (apud LIBÂNEO, 1988), a avaliação precisa ter função diagnóstica e não classificatória, constituindo num momento dialético do processo de avanço de desenvolvimento da ação educativa e crescimento da autonomia. Nota-se aqui, que a avaliação apresenta-se como uma tarefa complexa podendo ser definida como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí orientar a tomada de decisão em relação ás atividades didáticas.

PERRENOUD (1999) explicita que a avaliação necessita ser colocada a serviço do processo de ensino e aprendizagem, com o fim de acompanhar o processo de aquisição de competências, considerando tudo que pode auxiliar o aluno a aprender melhor e buscando detectar as competências já adquiridas, as que estão sendo desenvolvidas e as que ainda necessitam ser construídas por ele, processando-se, assim, de maneira formativa.

Para HOFFMANN:

a avaliação escolar com o objetivo de notas é uma forma de exclusão, visto que não se pode tratar a realidade humana de maneira igual, para ela a nota na escola é uma invenção humana que apareceu e poderá desaparecer, assim, “é preciso abrir de uma vez por todas a avaliação classificatória e adotar a avaliação diagnóstica. (1993, p. 05).

Quando fala de avaliação diagnóstica, não significa abolir ou facilitar as coisas, mas sim conscientizar o aluno do prazer de aprender e que professores e alunos naveguem sobre o mesmo barco, cada um com sua missão e que lutem juntos por uma sociedade sem discriminação. Para o autor as contradições em relação a avaliação ocorre pelo simples fato do professor não conseguir distinguir, avaliar e ensinar visto que estes recebem a ação de educar e de avaliar com dois momentos distintos e não relacionados. Assim, é importante entender a diferença entre avaliação e educação para que nem uma nem outra sejam usadas de maneira equivocada para que seus resultados não se transformem numa perigosa prática educativa.

Para MORETTO (2003), é necessário que os professores e alunos se organizem em torno do processo de avaliação para que possam conceituar com segurança o papel da avaliação no processo de aprendizagem, ou seja, o professor é um facilitador devendo compreender o processo de ensino e aprendizagem.

Para DEPRESBÍTERIS:

A avaliação permite ao professor adquirir os elementos de conhecimentos que o tornem capaz de situar, do modo mais correto e eficaz a ação de estímulo, de guia do aluno. A este último, então, permite verificar em que aspecto ele deve melhorar durante seu processo de aprendizagem. A avaliação, em síntese, serve de informação para a melhoria não só do produto final, mas do processo de sua formação (1989, p. 45).

Observamos que a avaliação com função de diagnóstico permite ao aluno informação sobre seu desempenho em relação à aprendizagem, mostrando seus erros e progressos, permitindo-lhes verificar em que aspectos devem melhorar durante seu processo de aprendizagem.

Já PILETTI (1986, p. 190), observa que “A avaliação não é um fim, mas um meio. Ela deve ser abordada como meio que permite verificar até que ponto os objetivos estão sendo alcançados”. Mas a avaliação tem sido utilizada pela maioria dos professores com o fim único de atribuir conceitos e esta, tem sido o único estímulo do aluno para aprender. Isso muitas vezes vem do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, onde os conceitos são apresentados através de registro, e o professor tem que seguir esse método.

LUCKESI, afirma que:

para cumprir a avaliação com função de diagnóstico, ela terá que estar, obviamente, centrada numa pedagogia preocupada com a transformação social e não interessados pela aprovação ou reprovação dos educandos nas séries escolares.(2003, p. 99)

Desse modo entendemos que o processo de avaliação inclui instrumentos e procedimentos diversificados sendo um processo contínuo que deve ocorrer nos mais diferentes momentos do trabalho. A verificação e a qualificação dos resultados da aprendizagem no início, durante e no final das unidades didáticas visando sempre diagnosticar, corrigir falhas e estimular os alunos a que continuem dedicando-se aos estudos.

A lei nº 5 692/71, afirma no artigo 14 que a realização do rendimento escolar deve compreender a “avaliação do aproveitamento e a apuração da assiduidade”. E no parágrafo 1º do mesmo artigo nos diz que “Na avaliação do aproveitamento, a ser expressa em notas ou menções, preponderarão os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e os resultados obtidos durante o período letivo sobre os da prova final, caso esta seja exigida”.

Mas o que se percebe é que a lei acima vem sendo mal interpretada na maioria das escolas onde o aspecto quantitativo é preponderante sobre o qualitativo, em que os professores estão mais preocupados com o conteúdo a passar, contudo, buscamos nas palavras de Vasconcelos (1995. p. 39) auxílio para entender como a avaliação está sendo feita na maioria das instituições de ensino.

A avaliação, portanto acaba desempenhando, na prática, um papel mais político que pedagógico, ou seja, não é usada como recurso metodológico de reorientação do processo de ensino – aprendizagem, mas sim como instrumento de poder, de controle, tanto por parte do sistema social, como pela escola, pelo professor, quanto pelos próprios pais.

Sendo assim, os professores se sentem no poder de ser os avaliadores e acaba se tornando um ato político, uma coisa que deve acontecer sempre, todos os anos, com base nessa afirmação a avaliação não entra como um caráter metodológico, mas um controle sobre aquele aluno. Portanto, como afirma

Nessa perspectiva, a avaliação da aprendizagem se prende à comprovação do nível em que o aluno se encontra em relação à aquisição de conteúdos, ou seja, o quanto ele conseguiu absorver, recaindo, portanto a ênfase da avaliação no aluno, através de verificações quantitativas. Assim a tarefa do professor, ao avaliar, é bastante complexa e exige um desempenho competente, entretanto, o educador terá de refletir muito e analisar a cada dia o seu próprio desempenho pedagógico diante dos alunos, além de buscar caminhos para não prejudicá-los.

Podemos afirmar essa declaração com a citação de Luckesi(2003, p. 99), a prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que se estiver efetivamente interessado na aprendizagem do educando, ou seja, há que se estar interessado em que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado , haja visto que avaliar vai além de olharmos para crianças como seres meramente observados, ou seja, a intenção pedagógica avaliativa dará condições para o professor ou professora criar objetivos e planejar atividades adequadas dando assim um real ponto de partida para esta observação, torna-se claro a necessidade de se construir conhecimentos e reflexão por parte de professores educadores acerca do processo avaliativo formal.

VASCONCELLOS (1994, p. 43), propõe uma avaliação centrada numa concepção dialético-libertadora de educação na qual avaliar é:

um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos.

A avaliação exige do professor uma profunda reflexão de sua prática pedagógica, com o objetivo de superar as defasagens dos alunos, do ensino e do próprio professor, assim como superar a exigência do sistema educacional exercida através da nota, conduzindo o aluno à construção do seu conhecimento.

HOFFMANN afirma que:

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre a sua realidade, e acompanhamento, passo a passo, na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo, através do qual educando e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação. (1996, p. 18)

Compreendida dessa forma, a avaliação torna-se um processo dinâmico, construído no dia-a-dia, cuja função não é só analisar os resultados do produto final obtido, mas investigar, problematizar e ampliar perspectivas, possibilitando o acompanhamento do desenvolvimento do aluno. Tendo em vista a formação crítico-reflexivo do cidadão, Hoffmann propõe a avaliação como mediação, que inclui movimento através de relações dinâmicas e dialógicas, destituída de princípios coercitivos

A avaliação se destina a obter informações e subsídios capazes de favorecer o desenvolvimento das crianças e ampliação de seus conhecimentos. Nesse sentido, avaliar não é apenas medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação apresenta uma importância social e política fundamental no fazer educativo.

A avaliação deve ser um meio para o professor e o aluno caminharem rumo aos objetivos, considerando o progresso e percurso em relação ao que já aprendeu e o que falta assimilar. Assim, a avaliação será exercida como mediação entre professor, aluno e saber, servindo de reorientação do processo ensino-aprendizagem na direção dos objetivos propostos.

A avaliação pode e deve possibilitar continuidade do processo educacional, mas precisa ser colocada a favor da aprendizagem.

**COMO AVALIAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA IMPORTANCIA**

Entendemos que a educação está inserida em um processo contínuo e cultural do ser humano, bem como a infância está caracterizada como categoria histórica social de direitos a uma prática educativa de qualidade onde as especificidades e a singularidade da criança seja compreendida. Pautada em uma visão holística, acreditamos que a Instituição Infantil, deve estar de acordo com a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, aprovada em 20 de dezembro de 1996, no seu artigo 31, onde afirma que: “na Educação Infantil a avaliação far-se-à mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental”.

Desse modo o ato avaliativo nessa fase de ensino, deverá respeitar cada momento da vida da criança no seu tempo de ser e desenvolver, sendo, portanto, significativo. Pois é necessário garantir os direitos da criança enquanto cidadão historicamente situado no contexto em que vive, portando a avaliação concebida nestes parâmetros permite o acompanhamento das conquistas, dificuldades e possibilidades apresentadas durante a realização das atividades propostas, tornando perceptível a importância do registro como forma de acompanhar o processo de desenvolvimento do aluno.

De acordo com (RICHTER apud HOFFMANN):

É preciso penetrar no cotidiano dos sujeitos envolvidos para desvelar os distintos significados e ações que ocorrem em seu interior. O conhecimento teórico confronta-se ou alia-se ao trabalho cotidiano, e este redimensiona aquele, numa prática em constante movimento. Esse processo pode ser capturado por meio de um fazer e um pensar em contínua reelaboração. (Richter apud Hoffmann, 2005, p. 19).

Avaliar na Educação Infantil é ter em mente rever as situações de aprendizagem que foram oferecidas e como elas foram aproveitadas pelas crianças. Quando o professor observa que seus alunos conseguiram atingir ou se aproximar de um objetivo, deve planejar outras atividades que enriqueçam e promovam novas conquistas a partir do que foi aprendido. Assim a avaliação torna-se um ato amoroso, “na medida em que inclui o educando no seu curso de aprendizagem”. (LUCKESI, 1996, p. 175). Assim, realizada deixa de exercer o papel autoritário, punitivo, classificatório para servir ao acesso e permanência do aluno na escola, servindo, por conseguinte, à democratização do ensino.

Assim, os instrumentos que devem ser utilizados na Educação Infantil para realizarmos a avaliação são os portfólios e as fichas de conceitos, com isso devemos estar em constante observação para podermos escrever sobre cada aluno, no portfólio iremos colocar todas as tarefas que os alunos realizaram e na ficha quais foram os conceitos que cada aluno conseguiu atingir. Concluindo, isso é uma das formas de avaliar na Educação Infantil.

O portfólio é um instrumento para avaliação formativa. É uma seleção de trabalhos significativos para a aprendizagem do aluno. No trabalho com portfólio, o aluno assume uma postura autônoma em relação ao seu processo de avaliação. Ao rever suas produções, a criança dever ter a chance avaliação informal é um juízo de valor e pode ser usada de forma positiva ou negativa. Assim é uma forma de usar a avaliação informal de maneira positiva, sendo importante evitar as comparações entre os alunos, o adequado é reportar-se sempre aos descritores do portfólio para avaliar a evolução do aluno.

Outro instrumento avaliativo é a Ficha de conceitos no qual se registra o desenvolvimento de cada criança observado pela professora e por outros profissionais da instituição durante a realização das atividades propostas. Os dados coletados nesta ficha serão utilizados para a construção do relatório individual feito durante o tempo determinado para que os objetivos sejam alcançados. Partindo do princípio de que, cada criança está em constante evolução cognitiva, acredita-se que a ficha irá registrar os avanços contínuos e progressivos, bem como as dificuldades apresentadas pela criança durante a realização das atividades propostas.

Neste pressuposto faz-se necessário uma postura dialógica entre professor e os instrumentos avaliativos que são inseridos na Educação Infantil, para que os resultados sejam considerados viabilizadores na construção do conhecimento das crianças, onde elas aprendem de modo integral, ou seja, exercitado o  desenvolvimento afetivo, social, cognitivo e intelectual.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A avaliação não deve ser vista como o fim de um processo de ensino-aprendizagem, mas como um todo, o professor deve usar a avaliação como ferramenta indispensável para todo o processo mencionado, já que é através dela que se visualiza todo o trabalho e sua recepção por parte dos alunos.

No processo ensino-aprendizagem, a avaliação não serve apenas para ser aplicada com os alunos, para obter uma nota, mas sim para que o professor possa identificar uma forma mais adequada para trabalhar em sala de aula, podendo elaborar alternativas de ensino mais eficazes, diagnosticando falhas, melhorando métodos e continuando a oferecer formas acertadas e convenientemente adequadas para o ensino, conduzindo seus alunos ao crescimento intelectual e pessoal.

Então, não basta ao professor, ao detectar uma falha no ensino, modificar apenas a sua maneira de avaliação, mas usá-la para melhorar e adequar suas opções de lidar com o aprendizado, oferecendo o mais necessário e eficaz a seus alunos.

Assim, o professor que deseja uma educação que oportunize aos alunos ao cesso aos conhecimentos que vão auxiliá-los na transformação da sociedade, deve enunciar claramente essas intenções. Os conteúdos de aprendizagem, as habilidades e as atitudes devem permitir a formação de um sujeito crítico e capaz de orientar sua própria opção.

A opção por uma educação transformadora exige um professor comprometido, que não se limite apenas, com a transmissão de conhecimentos dogmáticos, os quais os alunos estudam e logo esquecem.

Esta proposta de mudança visa destituir a avaliação da função classificatória, que a faz assumir um papel autoritário e disciplinador, para torná-la qualitativa e democrática, resgatando assim, a sua função diagnóstica.

Desse modo, torna-se necessário que o educador esteja consciente da necessidade de uma nova pedagogia de um novo direcionamento à prática de avaliação. Isso quer dizer que, não basta ao educador estar consciente de que é preciso mudar, é preciso que sua prática propicie essa mudança.

Em síntese, não podemos avaliar de forma qualitativa os saberes de cada aluno nas escolas, sem se dar conta do papel do educador; do pedagogo frente à avaliação. Enfatizar o papel do educador perante o sistema avaliativo é importante, pois entendemos que tratamos com pessoas e esperamos que estas, possam contribuir para uma redefinição desta sociedade vigente.

Em suma, a avaliação sendo um processo contínuo só tem a melhorar todo o processo ensino-aprendizagem, constituindo uma ferramenta fundamental para determinar os pontos em que se deve melhorar, trabalhando tanto a relação aluno-professor quanto o próprio sistema de ensino.

 **REFERÊNCIAS**

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**.  Brasília: MEC/SEF 1986.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação na pré-escola:** um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 1996.

KRAMER, Sônia. Com a pré - escola nas mãos: uma alternativa curricular para a Educação Infantil. São Paulo: Ática, 1989

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Avaliação: Mito e Desafio. Porto Alegre: Mediação, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Atlas, 1988.

LIMA, Adriana de Oliveira. Avaliação Escolar: julgamento e construção. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MENEGOLLA, Vasco Pedro. **Prova, um momento privilegiado de estudo não um acerto de conta**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP & A - editora, 2003.

MORETTO, V. P. **Construtivismo:** a produção do conhecimento em aula. Rio de Janeiro: DP&A, 1980.

NÉRICI, I. G. **Didática: uma introdução.** São Paulo: Atlas, 1988.

PIAGET, Jean. **Inteligência y afectividad.** Buenos Aires: Aique 2001.